

FRANCELINAS: Protagonismos de mulheres ceramistas no Baixo Amazonas, São Tomé do Mocambo do Arari, Parintins-AM.¹

Cleusiane Costa Cruz²

João Marinho da Rocha³

Resumo: A presente pesquisa busca abordar o processo histórico social de fazição da cerâmica na comunidade de São Tome no Mocambo do Arari, que está localizada no município de Parintins- AM, a margem esquerda do Rio Amazonas, com acesso pelo paraná do Arari. Isso se faz a partir da trajetória de vida e memória familiar da senhora Francelina Pereira de 100 anos, e assim mostrar o processo de formação e institucionalização da comunidade de São Tomé na perspectiva dessas mulheres. Para isso foi realizada pesquisa de campo e entrevistas pontadas na metodologia de História Oral.

Palavras-chaves: Memórias, Mulheres, Cerâmica, São Tomé.

Abstract: The present research seeks to address the social historical process of fazição of ceramics in the community of São Tome in the Mocambo of Arari, which is located in the municipality of Parintins-AM, the right margin left of the Amazon River, with access by Parana da Arari. This is made from the trajectory of life and family memory of Mrs Francelina Pereira of 100 years, and thus show the process of formation and institutionalisation of the community of São Tomé in the perspective of these women. For this it was conducted field survey and tip interviews in the Oral history methodology.

Keywords: memories, women, ceramics, Sao Tome.

Introdução

Este estudo foi pensado num primeiro momento como trabalho, feito em forma de pré-projeto para que se obtivesse a nota parcial na disciplina Teoria e Métodos da Investigação no 4º período do curso de História. Sendo amadurecido e retomado o tema novamente no 7º período do curso de História, como trabalho de pesquisa de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Situamos nosso estudo no âmbito da História Social (Barros 2005; Castro, 1997; Fenelon, 1993). Acrescido a isso utilizaremos dos autores que abordam o tema da memória e História Oral como Motta (2014), Portelli (1997), Pollack (1992) e Delgado (2003). Na historiografia voltada ao estudo das mulheres buscamos por Del Priore (1997) (2010), Soihet (1997), Matos (2000), Scoott (2011). No campo da historia regional e local citamos Neves (2008), que nos possibilitaram visualizar as potencialidades de estudos da História Local e Regional.

Esta pesquisa foi motivada em primeiro lugar por eu fazer parte da comunidade estudada, sendo este São Tomé localizado no Mocambo do Arari, e ainda ter crescido

¹Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História. Universidade do Estado do Amazonas. Centro de Estudos Superiores de Parintins. UEA/CESP.

²Acadêmica do curso de História. Universidade do Estado do Amazonas. Centro de Estudos Superiores de Parintins. UEA/CESP.

³Professor Assistente do Curso de História. Universidade do Estado do Amazonas. Centro de Estudos Superiores de Parintins. Centro de Estudos Superiores de Parintins. UEA/CESP. Doutorando do Programa de pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia.PPGSCA/UFAM.

com as personagens aqui apresentadas. Cresci vendo meus familiares e outras senhoras, fazendo cerâmicas, mas lhes digo que não tenho o dom dessas mulheres, pois no decorrer de minha adolescência tentei aprender, sem nenhum sucesso. Realizo também essa pesquisa para que os filhos/as dessas mulheres que dedicaram e dedicam um tempo de sua vida à prática da “fazição” da cerâmica, que possam garantir a permanência desse saber transmitido de geração a geração.

Este estudo consistirá na divisão de três sessões: a primeira intitulada “*Memória, História Oral e História. Caminhos Possíveis*” trata das questões teórico-metodológicas. Embasando nosso estudo em teóricos da História Oral, por consistir a oralidade como base desta análise. Utilizamos a história oral, a partir dos aportes trazidos pela História Social, especialmente em abordagens da história local e Regional. Estratégias importantes para compreendermos os processos sociais e históricos ocorridos na comunidade São Tomé, assim como no nosso objeto de estudo que são as práticas de mulheres que tem na produção de cerâmicas uma de suas atividades.

A segunda sessão intitulada “*Processos Históricos de Configuração Sociais da Comunidade São Tomé*” aborda dois momentos no processo de organização social inseridos na comunidade de São Tomé, onde um é a representação dos colonos na colônia inseridos principalmente por homens, e o outro momento é a construção e representação da associação do clube de mães por mulheres. Esses aspectos sociais vão nos proporcionar ver o caráter representativo de como essas mulheres esposas dos colonos, assim como seus trabalhos tornam invisíveis na primeira representação e na segunda ganha destaque saindo da acomodação e ganhando uma representação mais abrangente. Por fim, a última sessão, “*Segredo do Curi. Memórias da “fazição” de cerâmica*” referem-se aos processos práticos de fazição de cerâmicas, e como que as atividades, reatualizadas constantemente iluminam para conhecimentos acerca das trajetórias históricas das mulheres ceramistas, e também da comunidade onde estão inseridas.

MEMÓRIA, HISTÓRIA ORAL E HISTÓRIA. Caminhos possíveis.

Amparemos nosso estudo no âmbito da História social, (Barros, 2005; Castro, 1997; Fenelon, 1993). Tais leituras, dentre outras, forma necessárias para que pudéssemos compreender o espaço social e histórico que nossos personagens produziram e convivem para tornar possível sua existência. Indicativos importantes que

nos embasaram no entendimento da formação da comunidade e das práticas diversas, como a fabricação de cerâmica e demais aspectos socioculturais que concorreram para as transformações das realidades de São Tomé. De acordo com Barros (2005), a história social se faz presente desde o momento das subdivisões dos campos de pesquisa historiográfica, sendo que todas as dimensões da realidade social interagem. O mesmo autor explica também as dificuldades encontradas quando havia um novo aspecto da história social que faria parte do campo historiográfico. Para ele,

[...] Esta nova noção de História Social, voltada para a idéia de uma totalidade de aspectos, podia ser **aplicada tanto ao estudo de uma sociedade inteira, como para o estudo de comunidades tomadas como centros de referência, como as comunidades rurais e urbanas** que começaram a ser examinadas pelos historiadores associados à **História Regional**. Em um caso ou outro, a História Social não apresenta mais objetos específicos dentro da História: **seu interesse é a sociedade como um todo** (esteja ela estudando um país, uma grande região como o Mediterrâneo, uma cidade ou uma aldeia). (BARROS, 2005 p. 15-16) [*Grifos Nossos*]

No âmbito da história oral a memória é essencial, já que a oralidade, como procedimento de pesquisa recorre à memória para fazer a constituição de certo tema. Motta (2014, p. 182) faz uma análise da memória dizendo que “quando falamos de memória devemos levar em conta que ela constrói uma linha reta com o passado, alimentando-se de lembranças vagas, contraditórias, sem nenhuma crítica às fontes que – em tese – embasariam esta mesma memória”. Daí porque é importante estar atento às questões de memória, entendendo-a como uma construção social (POLLAK, 1992). Portelli (1997) aborda as fontes orais como não sendo objetivas, pois para o autor:

Isto naturalmente se aplica para qualquer fonte, embora a **sacralidade da escrita sempre nos leva a esquecer isso**. Mas a não-objetividade própria das fontes orais jaz em características específicas inerentes, as mais importantes sendo que elas são artificiais, variáveis e parciais. (PORTELLI, 1997, p.35) [*Grifos Nossos*]

O sociólogo Pollak (1992) indaga que não existe diferença entre a fonte escrita e fonte oral, pois a fonte oral pode ser comparada a escrita e as duas estão sujeitas a crítica do historiador. Ele considera que “o trabalho do historiador faz-se sempre a partir de alguma fonte” (POLLAK, 1992) e faz ainda algumas afirmações a respeito dos novos campos de pesquisa, pois

Agora, é óbvio que a coleta de representações por meio da história oral, que é também **história de vida**, tornou-se claramente **um instrumento privilegiado para abrir novos campos de pesquisa**. Por exemplo, hoje

podemos abordar o problema da memória de modo muito diferente de como se fazia dez anos atrás. (POLLAK, 1992, p. 207) [*Grifos Nossos*].

Outro Historiador que fala dessa importância da História Oral ao longo dos anos é Fenelon (1993), que discute como essa abordagem historiográfica vem se consolidando, através de suas técnicas que se revela a possibilidade de trabalhar temáticas do tempo presente, assim como “aproximar-se de grupos e movimentos sociais, onde a tônica de sua prática não é a escrita e o analfabetismo é uma constante” (FENELON. 1993 p. 78). Sendo a história oral dependente da memória que através de entrevistas seguido das transcrições constroem as fontes, outro elemento essencial que se percebe nessa metodologia e que é apontada por PORTELLI (1997, p.17): é a do comportamento e da ética entre o entrevistador e o entrevistado. Ele diz quando que “**o respeito pelo valor e pela importância de cada indivíduo** é, portanto, uma das primeiras lições de ética sobre a experiência com o trabalho de campo na História Oral”. [*Grifos Nossos*]. Sendo assim:

[...] apesar de o trabalho de campo ser importante para todas as ciências sociais, **a História Oral é, por definição impossível sem ele**. O significado e a ética dos contatos humanos diretos, na experiência do campo, são imprescindíveis ao significado e a ética no exercício de nossa profissão. (PORTELLI 1997, p. 15) [*Grifos Nossos*]

Portelli (1997) ainda destaca que “a essencialidade do indivíduo é salientada pelo fato de a **História Oral dizer respeito a versões do passado**, ou seja, a memória”. O que evidencia neste estudo, portanto, são versões do passado da Comunidade de São Tomé na perspectiva dessas mulheres que fazem cerâmicas. A memória é um processo, que é formado no âmbito social, e “tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas” (PORTELLI, 1997, p. 04). Nisso, a memória de dona Celina Souza, Zedite Vieira e Francineia Teixeira não são apenas uns registros, ela consiste no modo que essas absorveram a situação social histórica da Comunidade de São Tomé e expõem seus pontos de vista lembrado o momento que lhes convir. Então vemos a percepção do narrador. Não podemos esquecer que a memória é uma construção, pois está em constante mudança. A cada lembrança recordada do indivíduo, vai sendo organizado de acordo com a fase atual de sua vida. Pollak (1992) assegura que, “**a memória é seletiva**. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado” [*Grifos Nossos*]. Observa-se que depois de certo período a memória é articulada novamente, sofrendo variações do momento vivido, pois já foi reelaborada á um novo contexto social. Nessa

mesma linha de pensamento Motta (2014) também expõe a respeito da reelaboração da memória que:

[...] **há sempre várias memórias** – muitas delas em disputa – é algo que deve ser lembrado, antes mesmo de nos indagarmos sobre os responsáveis pela transmissão de determinada lembrança. **Vale afirmar quem quer lembrar, o que se quer lembrar, e por que.** É ainda **importante entender os diversos tempos da lembrança**, já que as memórias, apesar de parecerem estáticas, **mudam com o tempo e com as novas demandas do presente.** (MOTTA, 2014 p.181) [*Grifos Nossos*]

Portelli (1997, p. 16) destaca a memória como um processo individual, ocorrida no meio social, pois, “em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas”. Mesmo sendo bem estruturada, isso também ocorre com memória coletiva. Portelli (1997) também constata ainda que, em hipótese alguma as lembranças de duas pessoas são exatamente iguais, evitando então o termo “memória coletiva” e substituindo-a por “coletivamente compartilhada” sem considerar as individualidades, pois,

Embora estejamos trabalhando com o intuito de registrar lembranças que possam ser **coletivamente compartilhadas** e aproveitadas, devemos ser cautelosos ao situa-la fora do indivíduo. Por diversos motivos (por exemplo, na sociedade contemporânea, cada pessoa reúne fragmentos de muitas recordações sociais diferentes em um todo inconfundível pessoal), esse procedimento seria questionável, em termos éticos, pois tenderia fazer com que encarássemos os indivíduos como intercambiáveis e desinteressados do próximo. (PORTELLI, 1997, p.16) [*Grifos Nossos*].

Motta (2014) faz algumas considerações importantes sobre o processo constituição da memória e sua importância afirmando que:

Se entendermos que a **memória só se explica pelo presente, pode-se afirmar que é deste presente que ela recebe incentivos para se consagrar enquanto um conjunto de lembranças de determinado grupo.** São assim, os apelos do presente que nos explicam por que a memória retira do passado apenas alguns dos elementos que possam lhe dar uma forma ordenada e sem contradições. (MOTTA, p.182) [*Grifos Nossos*].

Uma das questões que Delgado (2003) discute sobre a memória, é a de seus propósitos e extensos significados, mostrando assim as noções que compõe as amplas potencialidades da memória. Para a autora:

A memória contém incomensuráveis potencialidades, destacando-se o fato de trazer consigo a forte marca dos elementos fundadores, além dos elos que conformam as identidades e as relações de poder. São as

lembranças – em suas dimensões mais profundas – que conformam as heranças e acumulam os detritos, que segundo a tradição bejaminiana, **refundam mitos de origem e alimentam o cortejo triunfante dos vencedores de todas as épocas.** (DELGADO, 2003, p. 18) [*Grifos Nossos*].

Os estímulos que são apresentados por Delgado (2003, p.19) no que diz respeito às lembranças do indivíduo, é apontado por ela sendo como *sinais exteriores*, que reconstitui “os acontecimentos da vida em comunidade, e mesmo das experiências mais solitárias da vida humana [...]”, constituído assim “[...] o estofo do tempo da memória: individual, local, comunitária, regional, nacional ou mesmo internacional”. Pollack aborda os elementos característicos da memória, destacando um desses pontos que ele chama de “vividos por tabela”, seriam eventos ocorridos em grupos ou no coletivo que o sujeito se sinta pertencer. “São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não” (1992, p.201). Ele continua afirmando que esse processo acontece não apenas os grupos por tabelas, mas também por pessoas e personagens:

[...] falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens frequentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de **personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa.** (POLLAK, 1992, p. 202) [*Grifos Nossos*]

Isso também se refere à memória herdada, pois não se menciona apenas o tempo vivido. Delgado (2003) nos apresenta esse ponto quando aborda as potencialidades da memória, refere-se a este sendo tão extensa que ultrapassa o tempo individual:

Através de histórias de famílias, das crônicas que registraram o cotidiano, das tradições, das histórias contadas através de gerações e das inúmeras formas de narrativas, constrói-se a memória de um tempo que antecedeu ao da vida de uma pessoa. Ultrapassa-se a cronologia atual e o **homem mergulha no seu passado ancestral. Nessa dinâmica, memórias individuais e memórias coletivas encontram-se, fundem-se e constituem-se como possíveis fontes para a produção do conhecimento histórico.** (DELGADO, 2003, p. 19) [*Grifos Nossos*].

Os aspectos que Delgado aborda sobre memória herdada, nos faz entender as dinâmicas possíveis da memória e proporciona utilizar de memórias familiares em nossa pesquisa, para traçarmos trajetórias de vida que não nos fazem presente.

Histórias das Mulheres

Sendo este trabalho ainda ligado à trajetória de vida de mulheres, apresentaremos alguns autores que estudam esse novo fragmento do campo da História, que é a História das Mulheres. Expondo então as demandas que levaram a mulher ser estudada no contexto social. Utilizaremos ainda da memória (como já foi aludido acima) para traçarmos um contingente de questões que serão abordados nesse estudo. Assim como trajetória de vida e o cotidiano de mulheres na Comunidade de São Tomé, a História das mulheres surgiu para que houvesse mais visibilidade a elas, mostrando seu papel na sociedade separada da sombra dos homens. Muitos autores abordam essas questões da mulher viver no oculto dos processos sociais, ou seja, que seria pertencente ao privado da sociedade, enquanto os homens ficariam no contexto de destaque. Com isso surge o movimento feminista para lutar por uma história de mulheres.

Em a *História do cotidiano e vida privada* de Del Priore (1997), são destacadas as evidências da vida cotidiana, como mecanismo magistral de dicotomização da realidade social. De um lado seria esfera que diz respeito a um lugar de acumulação e transformação, sendo este o lugar onde se articula o futuro de uma formação social. Temos ainda uma esfera de repetição do existente, consistindo um lugar de conservação. Para ela,

[...] todo o indivíduo que age na primeira esfera, a da acumulação e do poder, vê-se constituído como ator potencial da História; e todo o indivíduo inserido na segunda, a da reprodução, encontra-se despossuído de ação, acha-se à margem do controle sobre as mudanças sociais e da participação no movimento da História, salvo quando está associado a um movimento coletivo de revolta. Assim, a oposição entre dois “espaços portadores de historicidade e de rotineira cotidianidade recobre, de fato, a oposição entre “detentores” e “excluídos” da História. (DEL PRIORE, 1997 p.377)

Como foi apresentado por Del Priore (1997), percebemos como as mulheres se encaixam nesse contexto, pois, seu papel na sociedade sempre foi definido ao lugar de conservação, um lugar sem evidências. E, no entanto, articulam-se em torno de inúmeras atividades, como os processos sociais de “fazição”⁴ de cerâmicas da Comunidade de São Tomé. Dado o ponto de partida do assunto de História de Mulheres, passamos para as questões que levam os estudos do tema, a autora Soihet (1997) em seu texto *História das Mulheres* faz uma discursão do objeto. Desde o momento em que os muitos questionamentos sobre a história das mulheres começam a

⁴Termo usado pelas mulheres da comunidade São Tomé ao referir-se ao processo de fazer as vasilhas de barro.

ganhar atenção na área de estudos de História, isso a partir do andamento em que surgem novos campos de investigação da história, Soihet aponta que uma dessas implicações:

[...] é o vulto assumido pela história cultural, preocupada com as identidades coletivas de uma ampla variedade de grupos sociais: os operários, camponeses, escravos, as pessoas comuns. **Pluralizam-se os objetos da investigação histórica, e, nesse bojo, as mulheres são alçadas à condição de objeto e sujeito da história.** (SOIHET, p. 399). [*Grifos Nossos*]

Del Priore (2010) também debate a respeito da história das mulheres, constata as circunstâncias em que foram baseadas as primeiras pesquisas do tema. Onde estes eram apenas um apanhado geral, voltando mais para o feminismo. Ainda:

Fundada, pois na constatação da negação e do esquecimento, **a história da mulher emergiu e ganhou musculatura, a partir de 1970, atrelada à explosão do feminismo, articulada ao florescimento da antropologia e da história das mentalidades**, bem como as novas aquisições da história social e às pesquisas, até então inéditas, sobre a **memória popular**. (DEL PRIORE, 2010 p. 220) [*Grifos Nossos*]

A partir dos movimentos feministas é que se verifica o surgimento de trabalhos voltados a história das mulheres, vemos ainda os temas que antes eram marginalizados pela escrita da história, agora vistos de outro ponto, com novas expectativas para se entender as mulheres como os que Matos (2000) discute. Ela aponta os fatores que levaram a crescente presença de escritos acadêmicos a respeito das mulheres e dando-as cada vez mais visibilidade, constituiria então a, “[...] presença feminina no mercado de trabalho, inclusive nas universidades, conjugada a expansão da luta das mulheres pela igualdade de direitos e pela liberdade[...].” (MATOS, 2000 p. 09)

Com certa dificuldade de se encontrar fontes escritas, para compor uma história das mulheres, a história oral constituiu uma das abordagens que se utilizou para registrar a memória feminina, como nos informa Del Priore.

[...] indispensável reabilitar a subjetividade e introduzi-la na interpretação das fontes, ao nível do observado mas, também, do observador. A história oral insiste sobre este aspecto que, aliás, desabrocha nas entrevistas. A consciência de falar de certo lugar – aquele, entre outros da opressão, da ocultação e mesmo aquele que separa pesquisadores de pesquisados – acabou por destruir a pretensa neutralidade da ciência histórica. Evocando a subjetividade do privado, a história oral ajudou a restituir-lhe a dimensão política, dando significação política aos discursos pessoais das mulheres. A oralidade permitiu, assim, resgatar a identidade e a vida daquelas que viviam no anonimato: donas de casa, solteironas, viúvas, empregadas, trabalhadoras, ou miseráveis. [...] há todo um contexto cultural e histórico que embasa, que irriga estas vozes do silêncio. (DEL PRIORE, 2010 p. 229-230)

A história oral tem a capacidade de recuperar as histórias vindas de baixo, e a história das mulheres inserida nesse contexto dos temas marginais. Consistindo a abordagem desse tema à oralidade, tendo ela a competência necessária para dar voz a essas mulheres silenciadas ao longo do tempo. Então a história oral proporcionou para que houvesse uma restituição das ideias e os modos de vidas desses sujeitos, que são as mulheres ceramistas de São Tomé, pois elas estão inseridas não totalmente no contexto de ceramistas, mais também são donas de casa, viúvas, entre outras.

História local e regional

Como nossa pesquisa refere-se a um local específico, apresentaremos um breve contexto de alguns estudos referente à História Regional e Local. Assim discutiremos a importância do recorte do local para nossa pesquisa.

Neves (2008) aborda que as atividades cotidianas vistas no contexto histórico são definidas pelo espaço e tempo, pois uma organização humana baseia-se em organizações comunitárias, com identidades internas e vinculações externas, e sendo assim,

A noção de espaço leva à compreensão das relações sociais, tanto conflituosas, quanto consensuais nele desenvolvidas e permite entender os modos de vida com as suas tensões, interações e as interpretações que deles fazem. A construção de uma localidade, por ser atividade de um grupo humano, envolve: constituição de articulações sociais (interatividade e complementaridade); de identidade cultural (sentimento de pertencimento); de especificidade do político (representações, instituições); e de conexão entre as diferentes escalas da organização social (família, classe e intercâmbios extra-grupais). (NEVES, 2008, p. 26)

Desse modo as relações de localidades envolvem-se sempre no contexto de espaço, e tempo e tendo o envolvimento com os grupos sociais que são desencadeados nas comunidades. Neves (2008) faz concisões no que diz respeito a história regional e local e a micro-história, para mostrar as diferenças nas abordagens metodológicas.

A história regional e local e a micro-história constituem recursos metodológicos distintos, com instrumentos de análise e procedimentos próprios no empreendimento da investigação histórica. Suas diferenças sobressaem-se mais que as eventuais semelhanças, como o estudo de pequenos recortes espaciais por um lado e a redução da escala de observação por outro, ambos com o objetivo de alcançar fenômenos inatingíveis pelos estudos de grupos sociais em grandes recortes espaciais ou pelas macro-análises. A história regional e local procura descobrir com a análise do cotidiano de uma comunidade, as suas relações com a totalidade histórica; a

micro-história, na investigação intensiva de fragmentos do cotidiano comunitário ou de um indivíduo, tenta identificar macro-fenômenos sociais. As duas metodologias partem, portanto, da análise de uma particularidade tomada como paradigmática para a perspectiva de totalidade para uma, ou visão do geral, para a outra. (NEVES, 2008 p, 33).

Utilizaremos das memórias compartilhadas pela família para traçarmos a história de vida da dona Francelina Pereira, pois esta com dificuldade na fala e com isso nossa principal fonte serão as entrevistas feitas com sua filha e outras senhoras ceramistas da comunidade. Buscando conhecer o processo de formação da trajetória de vida e trabalho de Francelina Pereira, realizamos de entrevistas com moradores da comunidade como forma de aderir informação para melhor sistematização e discussão dos resultados da pesquisa. Primeiramente foi elaborado um roteiro de entrevista, para que fosse aplicado aos moradores selecionados a participar da pesquisa. Seguindo o roteiro fizemos as entrevistas, duas no primeiro semestre e quatro no segundo semestre de 2017. Logo após as duas primeiras entrevistas, realizamos as transcrições, seguida da análise das falas para a obtenção dos principais pontos que serão abordados na pesquisa. As outras quatro entrevistas foram realizadas os mesmos procedimentos, e analisadas os pontos fundamentais para a complementação do trabalho.

PROCESSOS HISTÓRICOS DE CONFIGURAÇÃO SOCIAIS DA COMUNIDADE SÃO TOMÉ

Esta pesquisa faz uma abordagem do processo histórico social de fazição da cerâmica na comunidade de São Tomé no Mocambo do Arari, que está localizada no município de Parintins- AM, a margem esquerda do Rio Amazonas, com acesso pelo Paraná do Arari. Isso se faz a partir da trajetória de vida e memória familiar da senhora Francelina Pereira de 100 anos. O Mocambo tendo como matriz a Agrovila de São João e ainda composta por mais três comunidades, sendo elas: São Pedro, Santo Antônio e São Tomé sendo esta à comunidade onde foi desenvolvida a pesquisa.

Vamos falar da Agrovila do Mocambo do qual a comunidade de São Tomé faz parte. Antes de o local ser conhecido por agrovila, era apenas uma comunidade chamada São João, Muniz (2009, p.142) destaca que “até 1975, Mocambo seguia o ritmo das tradicionais comunidades rurais do município”, sendo que, “a partir 1975 a Prefeitura começou a atuar de forma mais presente na comunidade, mandando elaborar a planta da agrovila pelo ICOTI (Instituto de Cooperação Técnica Municipal)”.

Vicentini (2004) expôs as circunstâncias que as Agrovilas estavam sendo implantada na Amazônia que “os projetos de colonização, foram organizados em Agrovilas, em média com 50 famílias, uma escola primária um posto de saúde e comercio local”. A região do Mocambo até a década de 1960 era composta por maioria de ribeirinhos que dividiam seu tempo entre várzea e terra firme, não se tinha as comunidades existentes, apenas a comunidade de São João, a maioria das famílias vivia em cabeceiras e terrenos a margem do rio. O Mocambo do Arari é composto por maioria de pessoas que migravam da várzea em tempos de enchente dos rios, como não há estabilidade o ano todo na várzea, tinha então que procurar terra firme, sempre havendo esse revezamento entre a várzea sobrevivendo com plantação de milho, juta e etc. e na terra firme para trabalhar em roça e outras plantações.

Vicentini (2004) aborda esse processo de modernização e exploração da Amazônia, desde os primórdios da borracha até o contexto mais atual das formações das cidades. Assim como também os grandes projetos de colonização na Amazônia no que diz respeito a exploração de minérios, a pecuária e o agronegócio. Para a autora:

Esta mudança de estratégia se explicitou nos planos para a Bacia Amazônica, desde 1966, institucionalmente definida como Amazônia legal, pelo governo federal. De uma preocupação que, no Plano Operação Amazônia de 1965, privilegiava a ideia de domínio do território, mediante controle de áreas de fronteiras e áreas de segurança nacional, evoluiu-se para a ideia de ocupação do vazio demográfico [...]. (VICENTINI, 2004 p. 153-154)

Esses projetos foram propícios para a ocupação das terras oferecidas pelo Plano de Operação da Amazônia, com as áreas sobre o domínio das empresas e empresários investidores, começou a colonização. Formando então as Agrovilas, onde seriam instalados os trabalhadores e responsáveis pela produção de cada área.

Processo de organização da colônia e da Comunidade

Os projetos de colonização estavam destinados a determinadas áreas, mais o termo colonização espalhou-se pela Amazônia. Assim foi apropriado o termo por outros órgãos, mesmo não pertencendo ao governo, mais de caráter de prefeituras, ou de campanhas de igreja redigidas por padres, que é no caso ocorrido na região mocambo. Vicentini aborda que,

O estatuto da terra, instrumento utilizado no processo de discriminação de terras devolutas, representou o principal instrumento do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA na promoção da política de colonização oficial e privada, e na definição de uma política agrícola nacional. (VICENTINI, 2004 p. 154-155).

O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA proporcionou então, uma expansão de domínios de terra na Amazônia.

A comunidade de São Tomé foi institucionalizada a partir da década de 1970 quando os italianos, padre Augusto Gianolla e Jorge Campoleone fizeram uma proposta de colonização da região do Mocambo do Arari para os que já moravam na localidade. A partir desse momento deu-se início a procura de uma terra apropriada e de boa localização para pôr em prática a proposta. A proposta consistia em formar uma colônia, para trabalhar com plantações de produtos agrícolas. Padre Augusto e algumas pessoas que já estavam dispostas a formar e trabalhar na colônia dispuseram-se a procurar um local adequado para a implantação da colônia, depois de examinada a região, encontrou o local. Para dar início aos afazeres o padre reuniu as famílias que realmente estavam dispostas a trabalhar no local, fizeram então as demarcações necessárias no terreno para que fosse dividido entre as famílias.

Era que... Eles [Padres] queriam que eles trabalhassem em colônia... Ai foi que o Jorge italiano ele veio com o padre Augusto... Ai eles vieram pra formar a colônia ai, reuniram, foram 21 sócio né, ai foi que eles foram pesquisar essas terras que eu estou falando né... Foram pesquisar né, depois que eles pesquisam onde tinha água pra poder trabalhar na estrada... Fazer pico assim ate chegar pra cá ne pra trabalhar pra lá... Ai eles foram fazer roçado, fizeram 25 hectares, depois eles plantaram arroz que foi pro setor da escola agrícola né, pra lá eles beneficiaram, arroz pra mandar pra vender e mandaram pra cá pros colonos alimentação e vendiam pra pagar conta, essa do banco, ai depois dessa, eles foram plantar guaraná [...]. (CELINA COSTA, 70 anos, Entrevista de 2017 na Comunidade de São Tomé, PIN/AM).

No relato acima de dona Celina percebemos que primeiramente foram feitos os “puxiruns” para a limpeza do local onde todos os colonos participaram. E quando ela fala do setor da Escola Agrícola está se referindo à escola em Urucará, para onde os produtos produzidos na colônia eram mandados para a venda. O terreno da colônia foi dividido em 21 hectares, onde foram distribuídas entre as 21 famílias que se dispuseram a trabalhar nos terrenos. Como consta no quadro abaixo.

Quadro1: Distribuição dos lotes entre os colonos

LOTES	COLONOS	LOTES	COLONOS
1	Aquilino Bentes Vieira	12	Bernardino Aprígio de Souza

2	Manoel Esteves Lopes	13	Domingos Caldeira
3	Rossir Souza Caldeira	14	Airton Ferreira de Souza
4	Davi Teixeira da Costa	15	Raimundo Carlos Melo
5	Antônio Aprígio de Souza	16	José Cardoso
6	Orivaldo Mendonça dos Santos	17	João Oliveira Bulcão
7	Marciano Esteves Lopes	18	Dalvo Teixeira da Costa
8	Anízio Xavier de Oliveira	19	Marcilio Silveira Alves
9	Domingos Teixeira Almeida	20	Salustiano Cabral de Souza
10	Narciso Teixeira Almeida	21	Tomaz Soares Costa
11	José Marques Lima		

Fonte: Acervo pessoal de Celina Souza Costa.

A colônia em si foi atribuída aos homens, chamados assim de colonos. Como é visto no quadro acima, os nomes dos respectivos donos/colonos com seus lotes, todos referentes a homens. Às mulheres ficou destinado articular-se em torno de um clube de mães, onde as esposas desses colonos disponibilizavam algum tempo dos seus afazeres domésticos para integrar a essa associação. Mais tarde o que dificultou a ida para a colônia foi a grande distância encontrada pelos colonos, pois eles moravam em alguns terrenos espalhados ao longo do lago do mocambo. Então o padre Augusto Gianolla propôs que ele e os colonos comprassem a área da frente da colônia, para estabelecerem-se com suas famílias, todos concordaram com a ideia. Ali seria produzida a Comunidade Eclesial de Base – CEB⁵. Entrou em contato com o dono da terra o senhor Zezinho Buretama para a negociação de compra do terreno. Entretanto, as condições financeiras de todos não eram boas o que resultando então a divisão do pagamento da compra, os colonos saldariam a metade do valor, enquanto o padre Augusto Gianolla o Jorge Campoleone saldariam a outra metade. Dona Celina narra esses acontecimentos a respeito da compra do terreno, localizado em frente à colônia, dizendo o seguinte:

[...] tinha o dono né, que era o Zezinho Buretama. Trabalhavam, no que eles trabalhavam né, tirando madeira dai do centro, ai ele fazia roça. Primeiro morador que morava aqui era o seu Ailton, que era trabalhador dele. Ai ele fez uma casinha ali [...] embarrada né, coberto de palha...ai, ele fez a primeira casa dele, porque era...ele era trabalhador dele duu... Zezinho Buretama. Ele tinha uma casa bem ali, onde é a casa dele, fizeram uma casa

⁵São comunidades inclusivas ligadas principalmente á Igreja católica.

de barro assim, mora aí. (CELINA COSTA, 70 anos, Entrevista de 2017 na Comunidade de São Tomé, PIN/AM).

Para que o padre Augusto Gianolla e o Jorge Campoleone obtivessem o dinheiro, tiveram a ideia de caçar macacos para vender aos navios que passavam pela região. A partir da compra do terreno em frente à colônia as famílias passaram a estabelecer-se na área comprada. A divisão dessa terra foi feita através de sorteios, além disso, a pedido do padre Augusto Gianolla houve a separação de uma pequena área para que se fizesse uma igreja em homenagem a São Tomé.

Sabe-se que no contexto atual em que vivemos a questão de fiscalização aos animais é redigida pelo órgão chamado Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA⁶. Nos relatos percebe-se a maneira natural de tratar o assunto de captura de animais, uma vez que não tinham conhecimento de questões legais ao seu alcance. Vale ressaltar que nesse contexto, o Brasil estava passando pela ditadura militar, onde esse período foi propício para que houvesse esse tipo de acontecimento. Como o assunto é tratado no texto de Yara Vicentini, onde o governo deixou haver todo tipo de brecha para que fosse propício um desenvolvimento econômico mais abrangente na Amazônia. Assim vemos no relato abaixo da dona Zedite Vieira que põe em questão o assunto de não haver IBAMA para realizar essas fiscalizações.

ai pra pagar essa terra não tinha dinheiro, então como nos ia pagar essa terra. Então o padre pensou com o Jorge, disseram a ele, o pessoal disseram a ele, saíram foram “contratar” [pegar] macaco barrigudo, eles pegaram o motor que era do padre, piedoso o nome do motor, ai eles trouxeram esse motor e foram embora lá pro ‘boiador’, lá pra esse ‘boiador’ eles pegaram os macacos colocaram dentro do motor trancado, ai eles contrataram ai pra fora, ainda não tinha o IBAMA né, não proibia assim pegaram e levaram os macacos pra... botaram num navio ai que eles conheciam e levaram pra fora e venderam e trouxeram o dinheiro pra pagar aqui essa terra. (ZEDITE VIEIRA, 74 anos, Entrevista de 2017 na Comunidade de São Tomé PIN/AM).

Com a venda dos animais e a arrecadação do dinheiro, puderam pagar o terreno. A partir da compra a rotina das famílias foi modificada, passavam a semana na colônia e os finais de semana vinham para as suas casas no terreno comprado, que viria ser mais tarde a comunidade. Tendo eles que passar a semana na colônia houve a necessidade de fazer uma escola para os filhos pequenos que iam junto deles. Os próprios colonos

⁶Desenvolve diversas atividades para a preservação e conservação do patrimônio natural, exercendo o controle e a fiscalização sobre o uso de recursos naturais.

construíram uma escola de madeira, e foi chamada uma pessoa para dar aula às crianças, os filhos maiores vinham da colônia todo dia para irem à comunidade de São João estudar.

[...] tinha irmã que ela deu aula na colônia depois que a gente achava que ia e voltava todo dia né, a gente achava que fosse muito cansativo, depois o que fizeram? Fizeram um barracão de palha, aí o prefeito... foram com o prefeito, a prefeitura contratou ela pra da aula pros meninos lá, aí melhorou ela ficava comigo, de manhã os meninos estudavam quando a ia pra roça...[...] porque a gente só vinha dia de sábado pra cá pra fora pra comunidade, dia de semana passava a semana lá no centro cada um tinha sua casinha lá, a gente trabalhava ficava mais perto, que não tinha transporte, a gente ficava andando. Depois que ele conseguiu um trator, assim ver que dava pra gente ir e voltar, a mas isso ainda custou muito, a gente carregava nossos filhos levava era na ...costa pra lá...[...].(ZEDITE VIEIRA, 74 anos, Entrevista de 2017 na Comunidade de São Tomé).

A construção de uma escola e a contratação de uma professora foi à solução encontrada pelos colonos para que seus filhos não perdessem aula, enquanto estavam trabalhando na colônia. Ela comenta da dificuldade que tinham em ir pra colônia, até a chegada de um trator que foi doado pelo governo do estado. As análises das entrevistas nos dão conta que um dos primeiros produtos plantado na colônia foi o arroz. Mas como não tinham experiência com o produto, muito foi desperdiçado, pois não sabiam como era feita a colheita e não havia técnicas para o cultivo correto.

[...] aí as mulheres foram pra depois que foram pra colher o arroz... Como a gente não deu conta, por que eles não tinha experiência, aí disseram pra eles que era para cortar o arroz com toda a palha e botar dentro do barracão pra ser mais rápido, foi mais rápido só que estragou muito arroz. [...] espalharam lá no terreno, assim ne, pra tirar palha, pra enxugar pra poder a gente ensacar ne. Mas estragou muito arroz,[...] mas acaba que depois, que depois que foram dizer “mas não é assim não” tem que colher puxando na mão ne. E aí aproveitaram muito depois, assim foi, um bucado estragou por isso, e quando acaba, era rápido tirando assim ne [...] e assim trabalharam um bucado com o pessoal da vila. A colheita de guaraná, também a mesma coisa, eles vinham de lá... muita gente escolher guaraná que a gente não dava com isso mesmo. (CELINA COSTA, 70 anos, Entrevista de 2017 na Comunidade de São Tomé, PIN/AM).

Outro produto também plantado foi o Guaraná, pois, como conta alguns moradores a partir desse momento com a venda do produto houve uma grande melhoria às condições financeiras das famílias que viviam na comunidade, com a venda do guaraná. Outro produto que tentaram implantar anda na região foi à Seringa, sendo que não se obteve sucesso com a plantação e venda do produto, pois a borracha já não tinha tanto valor comercial, como narra dona Celina Costa, “[...]. Um tempo uma turma aí

deles fizeram proposta pra seringa, plantaram seringa, só que não foi pra frente, por que não teve recurso, não tinha mercado né, ai parou [...]”. Contextualizando fato histórico da borracha, na Amazônia após a Ásia começar a plantar seringa e posteriormente produzir a borracha em grande escala à economia da borracha no Brasil teve um decréscimo significativo.

O primeiro nome que a comunidade teve foi “Vila Nova”, só mais tarde quando foi doado o padroeiro São Tomé para a comunidade que a mesma passou a ter o mesmo nome. O santo pertencia à família de seu David Teixeira já há muito tempo estabelecida naquela região. Como conta sua esposa, a família de seu esposo possuía a imagem do santo como proteção da região, pois a avó de seu Davi Teixeira fez uma promessa, que caso não chegasse à região a “guerra dos cabanos”, ela iria ser devota do santo, e assim foi feito, e desde então todos os anos na data que o santo chegou a suas mãos era festejado pela sua família o dia do São Tomé.

Esse santo era do meu sogro né, [...]. Porque foi no tempo da... eles falavam cabanagem...no tempo da guerra que dizem, ai ela fez uma promessa, ela me contou assim, a finada Alcina. Ela me contou assim, ela fez uma promessa que se não chegassem pra cá pro mocambo, que nada acontecesse de ruim, eles iam...ela ia mandar vim o São Tomé, promessa né, ai foi que ela mandou vim esse santo e chegou dia 20 de dezembro né, ai quando chegou já mandaram rezar. Ate quando a gente se mudou pra cá, ainda foi dia 20 que faziam a festa [...] que era festa dançante, mas naquele tempo era tudo grátis, não cobrava entrada, comida era grátis, tudo era [...] Ai nesse ano eles entregaram pra comunidade o santo, ai foi a comunidade que fazia, sempre dia 20 também ne, mas era dançante. Ai depois que o padre veio e disse que o dia do São Tomé não era essa data, dia dele era dia 03 de julho que ele falou né, ai foi que trocaram a festa. [...] (CELINA COSTA, 70 anos, entrevista de 2017 na Comunidade de São Tomé).

Sobre a narrativa mencionar a “revolta dos cabanos”, não se sabe ao certo se referem-se á cabanagem do século XIX ou a outros movimentos ocorridos na Amazônia por todo o século XX, pois era comum as notícias desses movimentos espalharem-se pela Amazônia. Ela comenta a questão de o São Tomé pertencer a uma única família. Onde a família devota do santo percebeu que ao longo dos anos, outras pessoas que participavam das comemorações ao santo acabaram por virar devotas de São Tomé também, ocorreu então a decisão de doar o santo à comunidade, onde foi aderido como padroeiro do locale tornando em seguidao nome da mesma.

[...] Quando chegou aqui mandou fazer um barracão de palha ai ele celebrava a missa pra nos, o padre aqui, ai todos frequentavam, ai depois a gente não foi mais pra agrovila, fiquemos aqui mesmo. Cada um foi construindo sua casinha ficando por aqui, e hoje a comunidade também grande né. Depois a

gente nos reunimos pra comprar esse... tijolo pra formar a igreja , ai toda família cooperou pra comprar o tijolo...[...] depois a gente começou a comprar o cimento pra poder começar, por que uma parte foi eles que ajudaram também a diocese também ajudou ne a gente teve assim uma parceria ne, pra poder formar a...veja essa igreja como ta ai... (ZEDITE VIEIRA, 74 anos, Entrevista de 2017 na Comunidade de São Tomé, PIN/AM).

A narração mostra como a construção da igreja se deu a partir da dificuldade encontrada pelos colonos e suas famílias, que tinham de ir todos os domingos remando assistir a missa em outra comunidade. O padre Augusto pediu então que fosse feita uma igreja improvisada, feita de palha. Depois os comunitários juntaram-se para que houvesse uma cooperação com intuito de comprar uma parte dos materiais necessários para construção da igreja, onde também a paróquia de Nossa Senhora do Carmo de Parintins ficaria responsável pela outra metade dos materiais de construção.

Organização do Clube de Mães

A associação do clube de mães foi criada principalmente para que ocorresse uma organização das mulheres na comunidade. O clube era composto de varias atividades que inseriam o trabalho em conjunto e a aprendizagem. Eram ensinadas práticas de costuras, crochê, culinária, confecções de roupas, cerâmicas e além das práticas de aprendizagem, o clube promovia atendimentos médicos as mulheres, visitas a outras associações de clube de mães em comunidades vizinhas. As sócias do clube de mães tinham frequências em atas, para o monitoramento da participação das mesmas ao clube.

A participação dos homens nesse contexto estava inserida na agricultura em torno da colônia. Com isso a participação das mulheres no contexto social da comunidade foi sendo redimensionada aos afazeres do clube de mães. Vale ressaltar que o clube de mães serviu para uma articulação em conjunto dessas mulheres, mas elas estão inseridas em muitos outros trabalhos, como a questão de cuidarem dos filhos, da casa e trabalharem na roça. A partir do clube de mães é que essas mulheres passaram a aperfeiçoar as novas técnicas em fazer cerâmicas, e promover a venda das peças em grande quantidade. Onde tinha uma logística financeira para a divisão do dinheiro arrecadado, então todas as sócias tinham seu dinheiro, e passaram a não mais depender só de seus maridos, conseguindo uma pequena independência financeira. Sobre o exposto, Zedite fala:

Que nós trabalhava tudo em conjunto, a gente fazia, fazia, ele ...ele marcava data e pra data que ele marcava nos tinha que aprontar essas vasilhas pra ele levar lá, ele vendiam davam o preço né vendia a vasilha e traziam o dinheiro pra diretora do clube ai a diretora do clube passava pra cada uma das mulheres dividia né, cada uma tinha seu dinheiro. (ZEDITE VIEIRA, 74 anos, entrevista de 2017 na Comunidade de São Tomé, PIN/AM)

Ao iniciar a associação do clube de mãe percebe-se a mudança ocorrida, nesse momento de transição do cotidiano dessas mulheres. Elas acabam saindo do que seria a vida privada como denomina Del Priore (2010), passam para a vida pública, fazendo que tenham um espaço maior no cotidiano daquele local. Izilda de Matos comenta que

[...] a reconstrução das categorias público e privado, na perspectiva feminina, pode ajudar a clarificar a questão [...] foi uma herança vitoriana da qual emerge o dualismo publico/ privado, reafirmando o privado como espaço da mulher, ao destacar a maternidade como necessidade e o espaço privado com *locus* da realização das potencialidades femininas. (MATOS, p. 20) .

Sendo assim o que seria o privado dessas mulheres, passam a ser destaque, agora fazendo parte do público e seu trabalho tendo mais visibilidade. No quadro abaixo são apresentadas os nomes das mulheres que eram sócias do clube de mães. Em destaque aparecem as nossas quatro fontes/personagens apresentadas na pesquisa.

Quadro 2. Relação das sócias Fundadoras

SÓCIAS DO CLUBE DE MÃES			
Justina Pinheiro de Souza	Aldenora Oliveira Soares	Tereza Mendonça de Texeira	Maria do Carmo Pereira
Maria Enir Melo Cardoso	Suzelita Eleutério Silveira	Elizete dos Santos Teixeira	Maria das Graças
Zeila Vieira das Neves	Maria Trindade Melo Prestes	Francelina Pereira	Lourdes Correa da Silva
Celina de Souza Costa	Zenita de Oliveira Teixeira	Nadir Caldeira Pereira	Zedite Vieira de Souza
Maria de Fatima Soares de Souza	Nazaré dos Santos Caldeira	Francineia Costa Maia	

Fonte: Acervo pessoal de Dona Zedite Vieira.

O clube de mães marca um novo momento na vida dessas mulheres, elas passam a se profissionalizar nas práticas ensinadas do clube e principalmente na fazição das

cerâmicas, onde essas novas práticas de fazer cerâmicas estão mais cheios de detalhes na hora de sua composição. Segundo Zedite:

[...] ai depois fomo caprichando fazendo mesmo bonito mais ela...trabalhando, ai o pessoal da escola agrícola veio trabalhar. Que a gente trabalhava com a metragem né, eu fazia pra poder...a gente ver o tamanho, quanto litros leva de, quantos litros, qual era a altura tudo assim fomo trabalhando assim, ai depois a gente começamo a trabalhar mesmo nas vasilha, ai já foi pra...pra Itália nossas vasilhas, nos trabalhamo muito fazendo vasilha, a gente fazia por encomenda, de quantidade mermo, já a gente ia...fazendo só que eles eram uma vasilha pequena, não era vasilha grande que pra levar né, era muita dificuldade e tudo por ai... (ZEDITE VIEIRA, 74 anos, Entrevista de 2017 na Comunidade de São Tomé).

Ao narrar que as vasilhas de barro já foram vendidas até para Itália, percebemos um orgulho presente na fala de dona Zedite Vieira, pois o clube de mães proporcionou que não houvesse fronteiras para a venda das peças de cerâmicas feita por elas.

[...] ai que tu vai aperfeiçoar a vasilha, tu arma tudo ai tu vai puxar com uma cuia peúa bem mermo, acertar bem ela de lá que tu vai, que tu vai fazer formar o, a vasilha que tu quiseres fazer né.[...] uma panela, um torrador ou uma travessa ai que tu vai fazer o processo dela, pra poder ela ficar bem bonita.[...] a montar é...não a gente mesmo que que...como mesmo que a gente fala isso...[...] é...da inteligência da gente mesmo pra poder fazer... o as vezes a gente pegava o catalogo ficava olhando a vasilha , a gente ia olhando pra ver como que era, ai por ali a gente ia se baseando, se tu visse assim uma jarra, um cachorro que esses que a gente compra né, vaso...[...] é porcelana, ai tu ficava olhando de lá ai tu vinha tentava vê se tu conseguia fazer e tu conseguia.(ZEDITE VIEIRA, 74 anos, Entrevista de 2017 na Comunidade de São Tomé, PIN/AM).

Dona Zedite Vieira comenta as varias formas possíveis para montar as peças de cerâmica, com a utilização também de revistas com peças de porcelanas que ilustram vários formatos. Elas passam então a inspirar-se nessas imagens para fazer novos modelos de cerâmicas.

SEGREDO DO CÚRI⁷. Memórias da “fazição” de cerâmica

Aqui apresentaremos uma personagem importante dessa pesquisa, sendo esta **Francelina Pereira de Souza, de 100 anos**, filha de Lavínia de Souza Cabral e Pedro Cabral. Nascida na região do Mocambo, sempre transitando entre a várzea e terra firme. Casou-se com Luiz Caldeira, com quem teve quatro filhos Celina de Souza Costa, Nadir Caldeira, Rossi Caldeira, Sivaldo Caldeira e Arnaldo Caldeira. Quando solteira

⁷O cúri é um tipo de argila que é utilizado pelas ceramistas para dar coloração às vasilhas de barro. Essa argila é encontrada nas margens do Rio Amazonas, principalmente em Parintins.

trabalhava com a mãe na roça, na extração de lenha para vender em navios que transitavam o Rio Amazonas e se abasteciam com lenha da região. Dona Francelina Pereira ao longo de sua vida, sempre se dispôs de muitos afazeres, ao ficar viúva virou a chefe da família, sendo assim passou a trabalhar ainda mais para manter o sustento dos filhos. Como nos mostra a narrativa de dona Celina Souza:

[...] Agora a mamãe ela trabalhava em roça, ela trabalhava em juta, trabalhava em fazer cerâmica de barro né e o trabalho dela era isso né. Por que ela não tinha estudo nenhum não sabia o alfabeto nenhum, ela só vivia mesmo do trabalho dela. No tempo que o pai dela morreu ela ficou trabalhando pra criar os irmãos né. [...] ela tirava lenha, tudo isso pra vender pros navio, ai ela foi depois ela casou e foi trabalhar em roça né, o papai morreu novo, ele tinha quarenta anos e ela ficou ai ela foi trabalhar em juta. [...] ai foi trabalhar em juta, em roça, quando chegava o tempo de ir pra várzea a gente ia pra várzea trabalhar né, fazer juta pra pagar as contas e ela trabalhava muito a mamãe. Ai quando ela vinha pra terra firme ela trabalhava na roça e o negocio de cerâmica, só que naquela época não vendia, era só pra gente tirar tapioca né essas coisas, tirar tapioca. (CELINA SOUZA, 70 anos, Entrevista de 2017, na Comunidade São Tomé, PIN/AM).

Conhecedora de plantas medicinais, sempre ajudou às pessoas da região, que não tinham acesso a hospital. Assim como, ainda foi uma grande parteira.

[...] depois dos quarenta anos ela partejava direto já, assim todas s mulheres que tavam ai já pra ganhar bebé, vinham buscar ela, era tarde da noite hora da noite que viessem buscar ela, ela ia, ela, ela não tinha medo de partejar né, olha ele só dispensou uma, uma criança ai, da vila porque, o filho da comadre Izabel nasceu o braço dele né, por aqui assim, e quando ela chegou lá, o braço dele tava tudo , tava de cintura , e ela não se comprometeu ela, ela mandou levarem pra cidade e chegou lá operaram né, e ate hoje tem um sinal no braço.(CELINA SOUZA, 70 anos, Entrevista de 2017 na Comunidade São Tomé, PIN/AM).

As análises das entrevistas nos dão conta da importância de dona Francelina Pereira para a formação social da comunidade, sua participação ativa com os comunitários no que diz respeito a ajuda-los se fez presente desde sempre. Sua contribuição como comunitária é demonstrada também em uma das narrativas de sua filha, a dona Celina.

[...] era uma comunitária que era bastante, que gostava bastante de ajudar a comunidade, no tipo de trabalho que desse... de doação das cooperação que faziam. Ela foi muito batalhadora nesse, nessa época , ai ela trabalhava muito na comunidade, não falhava um trabalho. A primeira que chegava ai era ela. E as cooperações também ela não falhava, pediam aquela doação pra doar as coisas e ela prontamente ela ajudava. Até um tempo desse ela tava ajudando, não com trabalho. Com dinheiro, agora que ela ta **perdendo a mente** dela né. [...] (CELINA SOUZA, 70 anos, Entrevista de 2017, na Comunidade São Tomé). [*Grifos Nossos*]

Quando sua filha fala “perdendo a mente” está referindo à perda de memória, consequência de sua idade está bastante avançada. No entanto, essas memórias retornam quando manifestamos interesse pelas suas narrativas.

[...] sempre ela fez, as vezes ela fazia por encomenda, torrador, panelão pra fazer comida das festa que faziam antes, cozinhavam na panela de barro. Aqueles tachos grande faziam né, e era assim que eles faziam, naquela época eles viviam assim né. A minha vó que era mãe do meu pai ela fazia muito bem uma louça de barro né, muito bem mesmo ela fazia, [...] Ai, ela não usava jutaicica, ela usava resina do pau, da casca do pau né, era casca de itauba, [...] A casca que ela juntava pra fazer aquele monte assim, atacava fogo, quando tava pra acabar o fogo dobrava a vasilha em cima, ficava da cor desse ... ficava pretinho a cor da vasilha e depois que ficava bem pretinho eles iam lavar, era assim no resinão sem jutaicica. [...] ficava segura, minha filha, só que ficava preto, preto, preto chega brilhava aquilo. É era assim que ela trabalhava. Ai depois foi com jutaicica que o pessoal começaram a trabalhar com a jutaicica né. Agora só é com que trabalha a jutaicica. (CELINA SOUZA, 70 anos, Entrevista de 2017, na Comunidade São Tomé, PIN/AM).

Na narrativa de dona Celina Souza ela comenta duas lembranças, uma que diz respeito a sua mãe a dona Francelina que sempre fez as panelas de barro sendo às vezes por encomenda, utensílios para serem usados no dia a dia por eles, como panelas de barro para fazer comida, torrador que serviam para torrar grãos de café e o que a maioria das famílias usava para por água era o pote feito de barro onde o utensilio mantinha a água fria para o consumo. Outra lembrança diz respeito a sua avó, que fazia outro modelo de cerâmica com práticas diferentes na hora de passar a resina, mas que logo foi substituída pela jutaicica.

Francelina Pereira esta bastante presente na formação social da associação do clube de mães, ela foi uma das mulheres que ensinaram a arte de fazer cerâmica no clube. O clube se faz presente no contexto familiar dessa senhora, pois suas filhas, netas e bisnetas também aprenderam a fazição da cerâmica, como um saber passado de geração a geração.

Outra personagem é Dona Celina Souza Costa de 70 anos nasceu e vive até hoje na região do mocambo, filha de Francelina Pereira e Luiz Caldeira. Viúva de seu Davi Teixeira que era colono, e tiveram 10 filhos. Como sua mãe, também trabalhou com intensidade, em muitas tarefas de varias áreas possíveis a ela, na várzea e na terra firme, assim como na fazição de cerâmica. Em um de seus relatos podemos observar o trabalho feito por ela junto a sua mãe.

Agora o que eu cheguei a tirar, foi Pedra hume, pedra hume pra vender também, não tinha aqueles sacos sarra pilha, não sei se já viu, não era dessas fibras, era sarra pilha que chamavam. A gente tirava, saía nesse mato pra tirar pedra hume, tirava aqueles montoeiro, quando tava seco a gente batia tudinho, ai ia ensacar as folhas no saco, bem mesmo, depois amarava e vendia, vendia por quilo né, ensacava num saco daqueles. Menina era quantos quilos dava, mandava os curumins pisar dentro pra ficar bem amassado aquilo... era legal pra trabalhar mesmo. Agora não sei pra quê era, só podia ser pra remédio. (CELINA SOUZA, 70 anos, Entrevista de 2017 na Comunidade de São Tomé PIM/AM).

Ela e seus irmãos iam com a mãe tirar produtos da floresta para vender aos navios que transitavam no Rio Amazonas na época, faziam isso com um dos modos pra conseguir dinheiro para seu sustento familiar. Além de produtos da floresta dona Celina aprendeu com a mãe a arte de fazer vasilhas de barro, onde as mesmas também foram bastante importantes para a composição do clube de mães. Foram sócias do clube de mães desde quando começou, participavam das reuniões, nos trabalhos sugeridos pelo clube, nas cooperações e outros afazeres importantes oferecidos pela associação. Na narrativa abaixo dona Francineia Teixeira, que é filha de dona Celina Costa e neta de dona Francelineia Pereira, comenta que também aprendeu o ofício de fazer vasilhas de barro com a avó.

Desde...moça ela já trabalhava, só que ela fazia só assim essa... mesmo pra eles fazerem...é..pra fazer tirar é... como é ? Tirar tapioca né, naqueles tachos grande né, ela fazia, eles faziam, eles trabalhavam muito. Eles faziam forno pra torrar farinha, faziam forno pra torrar...pra fazer piracuí, tudo isso, torrador pra torrar café né, que naquela época eles usavam muito né. E ai, a gente foi aprendendo com ela, com a vovó. Eu fui me interessando que eu achei bom né, e depois a gente já, depois que aprendi já gostar. Que a gente pode fazer o modelo que a gente quiser né, por que o barro é muito maneiro de a gente trabalhar, quando a gente já tá mermo, já sabe a gente já acha fácil. Eu digo isso pra quem ainda nunca fez ele né, mas quando a gente aprende, já passa a gostar. (FRANCINEIA TEIXEIRA, 50 anos, entrevista de 2017 na Comunidade de São Tomé PIN/AM).

Ela se refere à vó como sendo uma das pessoas que ajudaram a aprender fazer vasilhas de barro, e que o processo para aperfeiçoar as técnicas precisa de bastantes práticas, pois quando já se tem prática a processo de fazição torna bastante proveitoso. As dificuldades vão ficando de lado e então passa a ter inspiração para compor novos modelos de cerâmicas, como na narração a baixo que mostra as encomendas mais pedidas dos compradores, vasilha pequenas e em formatos de animais.

Essa, essa cerâmica ai a gente trabalhava com panelas... Fazendo panelas né, ai quando foi um tempo,.. Esses italianos... Eles eram mesmo assim, interessados pra ajudar né, ai eles vieram fazer uma reunião aqui pra vender essas cerâmicas pra Itália né,.. mas só que eles queriam era, só jogo de café...

essas louças assim que... dessem pra viajar né, era jogo de café, bichinhos, ai a gente fazia muito esses negócios de jogo de café... pra ir pra Itália né. Ai depois que... que pararam de vender pra Itália... Veio, veio outro o Dielho... que ficou responsável pra vender, não sei pra onde vendia, só sei que levava pra lá, ai ele comprava essas vasilhas, levava lá pra Urucará né... pra vender. Nesse tempo ele vinha aqui, fazia aquela encomenda de tantas panelas, de tantas travessas... era só jogo de café, sempre pedia jogo de café. O Ederaldo gostava de fazer aqueles bichinhos... Encomendavam pra ele era cachorro, era gato... Era esses pássaros todo enrolado, ai eles vendiam pralá, vinham buscar, vender pra lá. (CELINA SOUZA, 70 anos, Entrevista de 2017 na Comunidade São Tomé, PIN/AM).

Dona Celina Souza mostra dois momentos importantes de venda das cerâmicas, o primeiro refere-se às peças vendidas para Itália onde as cerâmicas pedidas eram as que dessem para transportar, sendo peças pequenas, como jogos de café, e peças em formato de animais. Outro momento é o referente ao novo comprador de cerâmica o senhor Dielho que vendia as peças para Urucará e outros locais, ele vinha e fazia a encomenda das peças para senhoras do clube, e elas determinavam um tempo necessário em que todas as peças estariam prontas e davam a data para o comprador voltar.

Diferente de agora, o processo de fazer vasilhas de barro de antes não utilizava a lixa nem o cúri, nisso as peças eram mais resistentes. As peças que eram produzidas seriam destinadas ao uso das famílias principalmente utensílios de cozinha como pratos, panelas pra cozinhar, potes para armazenar água, não havia ainda o comércio das panelas. Apresenta ainda alguns elementos que substituíam os novos recursos, como evidencia dona Zedite,

[...] antes quando a gente começou trabalhar, a gente não usava lixa...nos trabalhava só com... caroço de ...de najá nos pegava o carocinho de najá e esfolava, tirava tudo, limpava bem, que ele ficava bem brilhoso ai que a gente ia alisar a vasilha bem alisado, tirava tudo bem com a faca não tinha lixa, não tinha nada, por que com a lixa ela tirava a força da... do barro né, barro fica mais fraco e só com e só com a cerâmica, com o caripé e o barro que a gente mistura ele não perde a força. O que tira muita força da cerâmica é o...a lixa elas eram uma vasilha muito segura mesmo. (ZEDITE VIEIRA, entrevista de 2017).

A senhora Celina Souza narra como aprendeu a fazer vasilha de barro, e exemplos de como o processo antigo tornava as peças mais resistentes.

Eu aprendi com a mamãe, que era que fazia também...a minha vó...só que essa vasilhas que fazia antes não era lixada, ele eram só alisadas. Assim como eles iam secando... raspavaaquele fundo com a faca mesmo né[...]. Quando ela ia secando a gente já ia alisando, agora ficava uma vasilha segura, tô dizendo que uma panela pra fazer comida na festa. Podia arriar ele...era dois homens pra arriar não quebrava não, não saia o fundo nadinha... durava muito, panelão pra tirar tapioca, a gente só fazia ... tirava tapioca só

no panelão. (CELINA SOUZA, 70 anos, entrevista de 2017, na Comunidade de São Tomé, PIN/AM).

Hoje o processo de fazer cerâmica começa com retirada da argila que é o barro, seguido da mistura com o Caraipé⁸, produto este que é a casca da árvore do mesmo nome. Tendo esses dois elementos, começa então a preparação da massa. Assim relatou dona Zedite a respeito de como era e ainda é feita a retirada da argila, e a preparação do barro, para em seguida montar as peças,

Quando chega no barreiro tem que furar o barreiro tirar toda aquela terra de cima que é suja né, ai vai, cava com o pau pra tirar o barro lá de dentro que fica dentro d'água. A gente tira o barro e vai fazendo as bolas que é...quantidade que da pra gente trazer né, a gente trás e deixa pra secar, quando seca a gente põe de molho ele vai tirar o caripé, queima a casca depois que queimar aquela casca ai tu vai ter que socar ele peneirar pra poder misturar com o barro, amassa ele todinho de lá que a gente vai começar a armar as vasilhas. (ZEDITE VIEIRA, Entrevista de 2017 na Comunidade de São Tomé).

Põe o barro para derreter em um recipiente com água, depois há a mistura do pó do caripé com o barro, ocorre então o processo da montagem das cerâmicas, depois de montada as cerâmicas, põem-nas a secar, logo após elas estarem secas ocorre o procedimento de lixar e alisar. O alisamento das peças depende do elemento chamado de cúri, uma espécie de argila que serve para dar coloração aos materiais. Em sua maioria encontrada as margens do Rio Amazonas, especialmente no Parintins. Seguido isso é feita a queima das peças, em forno feito na terra mesmo, com barro, diferente do que se é utilizado para a fabricação das cerâmicas. A utilização do cúri no processo de fabricação da cerâmica pelas mulheres da comunidade de São Tomé se deu por um fato curioso, como é relatada por dona Zedite.

[...] só que depois a gente via, já conhecia assim um pouco mais o barro naquele...o Curi não existia, só quem trabalhava com esse era a dona pequenina, era ela que trabalhava na cerâmica né, por que a gente via que a vasilha dela era muito bonita né.[...] só que ela não contava pra ninguém o segredo...só que um dia ela tava muito aperreada pra fazer a vasilha dela que era encomenda que era só ela que fazia pra escola agrícola, ela falou assim pro meu marido: Bernardino vai ali, lá em Parintins né, tira um Curi...pra mim que eu quero levar. Ai ele disse: pra que a senhora que? Ela disse: não, eu quero levar que eu trabalho com cerâmica, ai a gente fomo descobrir o segredo dela né... quando a gente começamo a trabalhar ai, ai eu trouxe o Curi, ele trouxe pra mim um pedaço de Curi pra mim aprovar, ai usei, passei na vasilha passamos na vasilha, quando a gente colocamos no fogo o, a vasilha que a gente tinha passado Curi ela ficou roxa...ficou roxa, ela estava diferente né, ai a Neia disse assim: mas não vai prestar, bora vê eu disse,

⁸Arvore onde as cinzas são utilizadas para misturar com o barro.

depois que ela esfriou ai ela ficou bem bonita, ai a gente fomo acreditar né. (ZEDITE VIEIRA, 74 anos Entrevista de 2017 na Comunidade de São Tomé, PIN/AM)

A partir disso aparecem formas de organização na Comunidade, uma delas foi o Clube de Mães é uma associação composta por mulheres, onde eram ensinados muitos afazeres, como crochê, cerâmica, confecções de roupas, brinquedos, entre outras coisas. Todas as mulheres que participavam do clube eram sócias, continham atas para a chamada, e onde ficavam anotadas as pautas das reuniões. Tendo toda uma organização para comandar o clube com presidente e outros membros para dirigir o local. Assim como conta dona Zedite que já foi presidente, tesoureira da associação.

[...] quando a gente comecemos a trabalhar né, que veio pra cá, a presidente era a dona Jovelina, depois fui eu depois foi a comadre Ambrosia que ela era minha comadre né, e , a assim foi as outras eu também que foi presidente. Eu era secretaria, era tesoureira, depois passei a ser a presidente do clube demãe, lá teve... que a gente começou a se reunir pra trabalhar cerâmica com aquelas que ensinaram nos, que era a dona Ambrosia...quem começou só era eles três ne, que comanda mesmo. A dona Jovelina, dona França e a dona Isabel que era dona santinha, nos comecemos a aprender na cerâmica com elas. (ZEDITE VIEIRA de 74 anos, entrevista de 2017 na Comunidade de São Tomé PIN/AM)

[...] só não me lembro o ano, só lembro que tinha dezoito anos quando eu entrei nesse clube, nessa época eu me inscrever nesse clube de mães. Só eu que era solteira nessa época, que eu gostava de tá no meio delas. Nessa época não me lembro a data mesmo que começou, que foi fundada ela, mas eu me lembro que eu tinha dezoito anos, quando começou.[...] A muito tempo ai, depois que veio esse, essa... essa, esse grupo de italiano, que gostou da cerâmica, ai, ai que comecemos a formar esse grupo de mulheres pra trabalhar ai. (FRANCINEIA TEIXEIRA de 50 anos, entrevista de 2017 na Comunidade de São Tomé PIN/AM).

No relato de dona Francineia Teixeira a respeito da criação do clube de mães, ela não nos diz exatamente a data em que começou o clube, apenas diz que tinha dezoito anos, que seria na década de 80, e fazendo um breve contexto histórico da época a respeito da inserção da mulher no mercado de trabalho e os movimentos feministas. Vimos que a consolidação das lutas da mulher por mais visibilidade já tinha muito mais força ao período que começou no final da década de 60 para 80. Joan Scott aborda a questão da origem dos movimentos feministas e a política caminharem juntos, mostrando assim as conquistas no meio acadêmico ate o rompimento com a política, passando para o estudo das mulheres assim chegando ao gênero.

A conexão entre história das mulheres e a política é ao mesmo tempo óbvia e complexa. [...] a política feminista é o ponto de partida. [...] situam a origem do campo na década de 1960, quando as ativistas reivindicavam uma história que estabelecesse heroínas, [...]. foi dito que as feministas acadêmicas

responderam ao chamado de “sua” história e dirigiram sua erudição para uma atividade política mais ampla; [...] mais tarde [...] a história das mulheres afasta história das mulheres afastou-se da política. Ampliou seu campo de questionamentos, documentando todos os aspectos da vida das mulheres no passado, [...]. O acúmulo de monografias [...] a emergência de autoridades intelectuais reconhecidas foram os indicadores familiares de um novo campo de estudos, [...] o desvio para o gênero na década de 1980 foi um rompimento definitivo com a política e propiciou a este campo conseguir o seu próprio espaço, pois o gênero é um termo aparentemente neutro, [...] história das mulheres como um campo de estudos envolve, nesta interpretação, uma evolução do feminismo para as mulheres e daí para o gênero; [...]. (SCOTT p. 66-67).

Scott aborda nesse trecho a representação dos movimentos feministas na academia, como a evolução das pesquisas contribuiu para a importância dos estudos voltados a composição da história das mulheres, fazendo o campo da historiografia das mulheres ganharem mais espaço no meio acadêmico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa é um trabalho inicial, onde abre espaço para que outros assuntos possam ser abordados em pesquisas futuras. É um estudo composto do ponto de vista de mulheres, onde suas memórias apontam para a formação da colônia e conseqüente a formação social da comunidade de São Tomé, e ainda a construção de um clube de mães, onde essas mulheres passam a exercer atividades variadas que lhes deram certa independência financeira e organizativa.

A questão do tema da pesquisa está intitulada Francelinhas no plural é referente às várias mulheres que se dedicaram ao trabalho na cerâmica e buscando representá-las nesse tema de uma forma que elas sintam que sua contribuição ao logo dos anos não passaram despercebidas pelo contexto social da comunidade que por vezes apresenta-se visualizados em materiais masculinos apenas.

Nisso, escreveu sobre São Tomé. Nossa perspectiva das mulheres aponta para uma relação de gênero nessa pesquisa não esta sendo diretamente discutida, mas aparece por fazer referência à formação de comunidade. Visualizamos isso quando é sempre atribuída e contada por homens, deixando a menção das mulheres em segundo plano. Este estudo tentou mostrar outros contextos, pois atribui também às mulheres essa função que é a de construir a história da formação da comunidade a partir de seus pontos de vistas. São elas responsáveis em guardar e repassar as memórias referentes ao contexto de formação do local, assim como demonstrar sua importância nessa construção social, a partir de uma de suas atividades e praticas ancestrais que é o domínio do saber em torno da fabricação da cerâmica.

E esse estudo, portanto, é importante para que haja outra compreensão da formação social e histórica de comunidade de São Tomé e as organizações em grupo ali inseridas por homens em torno da colônia e por mulheres na concepção de uma associação via clube de mães. As mulheres trabalhadas no texto deste estudo, dentre outras coisas, nos ajudam a entender as várias outras trajetórias de mulheres protagonistas inseridas nas múltiplas realidades da Amazônia. Os dois grupos organizados ali em São Tomé (colonos e mulheres do clube) foram dissipados depois de alguns anos, assim como os trabalhos nas colônias (quadro da página 13) não deram mais continuidades quando os primeiros colonos foram se aposentando e os trabalhos em torno do clube de mães (quadro da página 19) também tiveram de parar por não haver continuidade daquela organização em torno da associação. Mas essas mulheres que ainda continuam com as cerâmicas, voltaram a ser redirecionadas ao trabalho na cerâmica de forma independentes. O que nos leva a pensar na importância de estar organizada em associações como no caso do antigo clube mães.

FONTES ORAIS

Celina de Souza Costa, Entrevista. Janeiro 2017. São Tomé. Mocambo do Arari, Parintins/AM

Celina de Souza Costa, Entrevista. Outubro 2017. São Tomé. Mocambo do Arari, Parintins/AM

Zedite Vieira de Souza, Entrevista. Janeiro 2017. São Tomé. Mocambo do Arari, Parintins/AM

Francineia Teixeira Costa, Entrevista. Julho 2017. São Tomé. Mocambo do Arari, Parintins/AM

REFERÊNCIAS

BARROS, José D' Assunção. A História Social: seus significados e seus caminhos. In. **LPH – Revista de História da UFOP**. N° 15, 2005.

CASTRO, Hebe. História Social: o surgimento da história social, in. **Domínios da história: ensaios da teoria e metodologia**/Ciro Flamerion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). – Rio de Janeiro, 1997.

DEL PRIORE, Mary. História das Mulheres: As Vozes do Silêncio. In: **Historiografia Brasileira em Perspectiva**/ Marcos Cezar de Freitas (org.) 6. ed., 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2010.

DEL PRIORE, Mary. História do Cotidiano e da Vida Privada. In: **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**/Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). Rio de Janeiro: Campus, 1997.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades, **HISTÓRIA ORAL**, 2003.

FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e história social: **Historiografia e pesquisa**. Proj. História. São Paulo, (10) dez. 1993..

MATOS, Maria Izilda S. de. Por uma história da mulher. – Bauru, SP: EDUSC. 2000

MOTTA, Márcia. História e memória. In: **Cadernos do CEOM** - Ano 16, n. 17 - Memória social. 2014.

NEVES, Erivaldo Fagundes. História e Região: Tópicos de História Regional e Local. Ponta de Lança, São Cristóvão, v. 1, n. 2, 2008.

POLLACK, Michael. “Memória e identidade social”. **Revista estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n.10, 1992, p. 201-215.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a historia oral diferente**. Proj. História, São Paulo, 1997.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho**. Proj. História, São Paulo, 1997.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In. **A escrita da história: novas perspectivas**/ Peter Burke (org.); tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SILVA, Charlene Maria Muniz. **Mocambo, Caburi e vila Amazônia no município de Parintins: múltiplas dimensões do rural e do Urbano na Amazônia**. Dissertação de Mestrado. UFAM. Manaus, 2009.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**/Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). Rio de Janeiro: Campus, 1997.

VINCENTINI, Yara. **Cidade e história na Amazônia**. Ed. UFPR. Curitiba, 2004

ANEXOS